



***CRIANÇAS E ADOLESCENTES MINISTRAM AULAS SOBRE GÊNERO  
NA UNIVERSIDADE: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E CONSTITUIÇÃO DO  
SUJEITO***

**NIÑOS/AS Y ADOLESCENTES MINISTRAN CLASES SOBRE  
GÉNERO EN LA UNIVERSIDAD: EXPERIENCIA PEDAGÓGICA Y  
CONSTITUCIÓN DEL SUJETO**

**CHILDREN AND TEENAGERS MINISTER GENDER CLASSES AT  
UNIVERSITY: PEDAGOGICAL EXPERIENCE AND CONSTITUTION OF  
THE SUBJECT**

*Helena Altmann<sup>1</sup>*

*Hugo Romano Mariano<sup>2</sup>*

**RESUMO**

O artigo apresenta e analisa a experiência de formação em nível superior na área de gênero, sexualidade e educação, conduzida na disciplina de graduação intitulada “Corpo, Gênero e Sexualidade”, ministrada na Faculdade de Educação Física da Unicamp. A análise parte de uma atividade pedagógica específica da disciplina, que consiste na participação de crianças e adolescentes ministrando aulas sobre gênero e sexualidade, apresentando projetos por eles desenvolvidos dentro da sua própria escola. A escola adota a metodologia Freinet, garantindo centralidade aos estudantes no processo formativo. As intervenções foram realizadas em 2017 e 2018, quando estudantes do Ensino Fundamental 1 e 2 ministraram às universitárias e universitários duas aulas. A partir de suas apresentações, foi observado que as crianças e adolescentes trabalharam a temática a partir daquilo que as constitui enquanto sujeitos nas relações estabelecidas no contexto escolar e nos processos de normatização, subordinação e sujeição na sociedade como um todo.

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas – SP, Brasil.

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas - SP, Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero, sexualidade, educação sexual, ensino superior.

### **RESUMEN**

Este artículo presenta el análisis de una experiencia pedagógica propuesta en las clases de la asignatura “Cuerpo, Género y Sexualidad” en la Facultad de Educación Física de Unicamp. Se trata de una actividad en la que niños/as y adolescentes, oriundos/as de una escuela que adopta la metodología Freinet, impartieron dos clases a universitarios/as sobre la temática de género y sexualidad, mediante la presentación de sus proyectos elaborados en la propia escuela. La metodología Freinet garantiza la centralidad del(a) estudiante en el proceso formativo. Las actuaciones han sido realizadas en 2017 y 2018. En los análisis de estas dos clases se observó que niños/as y adolescentes manejan la temática desde lo que las constituyen en las relaciones establecidas en el ambiente escolar y en los procesos de normalización, subordinación y sujeción en la sociedad en general.

**PALABRAS-CLAVE:** género, sexualidad, educación sexual, enseñanza superior.

### **ABSTRACT**

The article presents and analyzes a higher education experience in the area of gender, sexuality and education, conducted in the discipline of "Body, Gender and Sexuality", at the Faculty of Education of the State University of Campinas. The tasks start from a pedagogical activity, with the participation of children and adolescents who provide classes on gender and sexuality, exhibiting projects made by themselves at their own school. The school takes the Freinet methodology, ensuring the students' protagonism on their learning process. The interventions were carried out in 2017 and 2018, when elementary students presented content related to gender to university students. From their views, it was seen that as children and adolescents worked on a thematic from which the subject is incorporated into the rules at the school context and in the processes of normalization, subordination and subjection in society as a whole.

**KEYWORDS:** gender, sexuality, sex education, higher education.

\* \* \*

## **Introdução**

E se as crianças e adolescentes viessem dar uma aula na universidade?

A Unicamp recebeu na sexta-feira, dia 27 de outubro de 2017, alunas e alunos da escola Curumim. Crianças do ensino fundamental 1 e fundamental 2 vieram ministrar uma aula sobre “Mulheres incríveis”, “As bruxas de Salém”, “Nise e a arteterapia” e “Meça suas palavras, parça”. O primeiro tema ficou sob a responsabilidade do fundamental 1, o segundo sob a batuta do 7º ano, o terceiro foi apresentado pela turma do 8º ano e o último tema ficou sob a responsabilidade de estudantes do fundamental 2. A aula que as crianças e adolescentes ministraram foi oferecida às universitárias e universitários da

Faculdade de Educação Física – FEF que cursam a disciplina EF 960 – Corpo, Gênero e Sexualidade<sup>3</sup>.

A disciplina “Corpo, Gênero e Sexualidade” é uma disciplina eletiva oferecida na Faculdade de Educação Física da Unicamp. Uma de suas características é seu caráter interdisciplinar, uma vez que nela se matriculam universitários e universitárias oriundos de diversos cursos, tais como: educação física, ciências sociais, pedagogia, enfermagem, medicina, música, letras, dança, matemática e ainda estudantes estrangeiros, por vezes chinês, espanhol e alemão. Também são estudantes em diferentes fases de formação como no começo, meio e final de curso ou até mesmo de pós-graduação.

Convidar crianças e adolescentes para ministrar uma aula nesta disciplina entrou como uma possibilidade de um fazer pedagógico que se instaura no profundo entrelaçamento de múltiplas linguagens que tal disciplina abarca em si. Isto diz respeito tanto às áreas de origem diversificadas dos estudantes matriculados, assim como, quanto ao aspecto presente na docência, conduzida por uma professora formada em educação física e doutora em educação, com a assistência de um pós-graduando formado em música e mestre em educação – que nos dois anos ao qual esse artigo se refere, cursava seu mestrado. Deste modo, o caráter plural e integrativo da disciplina, evidenciado por demandas surgidas dos interesses da professora universitária, graduandos e pós-graduandos, estende-se ainda mais com a presença de estudantes-visitantes do ensino fundamental 1 e 2 de uma escola.

São objetivos da disciplina:

Estudar o gênero e a sexualidade como construções histórico-sociais e suas relações com o corpo, a educação e a educação física. Refletir sobre como essas questões interferem na construção de saberes, nas práticas pedagógicas e profissionais nos diferentes campos de atuação das áreas<sup>4</sup>.

A disciplina trabalha com aspectos teóricos e conceituais ligados a temática, mas também com estratégias de intervenção e propostas metodológicas que visam contribuir com a formação e atuação dos futuros profissionais. Nessa perspectiva, por duas vezes, uma em 2017 e outra em 2018, foram feitos os convites para que uma escola apresentasse alguns dos seus projetos pedagógicos relacionados à temática do gênero e da sexualidade. A proposta também consistia em que as próprias crianças e adolescentes

<sup>3</sup> Nota de divulgação elaborada em outubro de 2017 por ocasião da visita das crianças à disciplina.

<sup>4</sup> Programa da disciplina de 2018. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/graduacao/disciplinas> Acesso em: 04.05.2019.

apresentassem os projetos por eles desenvolvidos, levando para a universidade os materiais confeccionados, como cartazes, vídeos, jogos, textos e livro, e expondo aos universitários e universitárias. As crianças e adolescentes foram acompanhados por professoras que ajudaram na organização e responderam a algumas dúvidas específicas.

A instituição convidada, Escola Curumim<sup>5</sup>, é uma escola particular de Campinas que está fundamentada na pedagogia Freinet. Celèstin Freinet (1896-1966) foi um educador francês que participou do movimento da escola moderna, propondo a modernização da escola a partir da mudança das técnicas de trabalho e atuação docente. Ele fez críticas à passividade dos(as) alunos(as) no processo educativo, ao intelectualismo excessivo e ao caráter desumano da escola, que se torna lugar de sofrimento, angústia, aborrecimento, ameaças e castigo, os quais esterilizam o esforço do(a) professor(a) (CHANNEL, 1977). Freinet propôs a educação pelo trabalho, no sentido de uma escola ativa, com centralidade do(a) estudante e não do(a) professor(a). Segundo Freinet, o processo educativo deve partir do conhecimento e interesse da própria criança, que são “artesãos” e “artesãs” da sua aprendizagem. O(a) estudante planeja, desenvolve e avalia seu próprio trabalho, aprende a gerenciar seu tempo e espaço. A ideia de “escola-oficina” e de organização de ateliês, fica particularmente evidente nos trabalhos apresentados pelas crianças e jovens descritos a seguir, muitos deles resultados do desenvolvimento de uma temática específica em grupos ou com a turma toda (ELIAS, 1996; FREINET, 1969).

As aulas ministradas por crianças e jovens foram experiências pedagógicas inovadoras em uma universidade que tem se colocado cada vez mais entre as melhores do Brasil e da América Latina, o que propiciou às universitárias e universitários um exercício pleno de um dos principais valores de Freinet - valorizar o conhecimento que os estudantes carregam consigo (SANTOS et al. 2018).

Como apontam Barros *et al.* (2017), a pedagogia Freinet considera a criança como agente ativo do processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, as situações reais de leitura, de escrita, de pesquisa, de atividades de expressão, das interações sociais, das relações que as crianças estabelecem e vivenciam, proporcionam uma vivência com o processo de humanização na escola. Desta forma, à medida que as crianças transformam a si mesmas, modificam sua própria realidade. Ainda segundo as autoras, tal pedagogia é sempre uma experiência que reconhece as especificidades de

<sup>5</sup> <https://www.escolacurumim.com.br/>

uma não redução do trabalho da criança na escola à divertir-se, nem à uma redução à uma reprodução acrítica da realidade, mas sim, um fazer escolar sem o risco de assumir um ensino fictício, um ensino que é o simulacro da realidade.

Especificam Santos *et al.* (2018) que “Freinet trabalha com a pedagogia da ação, que estimula o desenvolvimento da criatividade do aluno, formando cidadãos autônomos e criativos capazes de transformar o contexto mais amplo da realidade social”.

Segundo as professoras que acompanharam as meninas e meninos, a temática do gênero surgiu da vontade das próprias crianças. De questões emergentes no cotidiano escolar, de rodas de conversa, de conflitos, de questionamentos foi possível desenvolver aspectos históricos, sociológicos e políticos próprios dos conteúdos, os quais foram apresentados às universitárias e aos universitários.

Diante dos convites recebidos, representantes das turmas foram escolhidos ou sorteados para ir até à Unicamp se apresentar na companhia de suas professoras. As aulas foram ministradas em dois anos, uma, no segundo semestre de 2017 e outra, no segundo semestres de 2018. Em 2017, a aula esteve focada na explicitação das demandas do gênero, e em 2018 a aula inclui também projetos relacionados à mídia e a temáticas relacionadas a utilização de drogas lícitas e ilícitas por jovens e transmissão de infecções sexualmente transmissíveis.

Em específico, aqui explicitamos os conteúdos relacionados ao gênero e à sexualidade, que emergem de demandas das crianças e adolescentes, a partir de suas próprias narrativas. Ao resgatarem figuras femininas históricas, falarem das mazelas que as mulheres ainda sofrem no presente, colocarem seus pontos de vistas sobre a necessidade de superação das desigualdades de gênero, refletirem sobre questões relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis, tomarem as mídias, as redes sociais e confeccionarem materiais como ferramentas tanto de pesquisa como de disseminação de conteúdos, estas crianças e jovens, a partir do exercício de ensino-aprendizagem, evidenciam um fazer crítico relacionado às ações nas quais eles e elas se colocam em meio às demandas sociais mais urgentes. Voltando-se para esta temática do gênero e da sexualidade, estas crianças e adolescentes trazem evidências discursivas de relações de poder e da constituição de si, instâncias as quais pormenorizaremos aqui.

### **Os conteúdos, segundo as crianças e adolescentes**

No ano de 2017, as crianças e adolescentes ministraram aula na universidade sobre 4 temas: O primeiro tema “Mulheres incríveis” foi desenvolvido pelas alunas e alunos do terceiro ano do ensino fundamental. Nele, constituiu-se um levantamento histórico de mulheres importantes, em que cada criança deveria escolher e pesquisar sobre alguém, fazendo então seu desenho e uma breve descrição de porque ela é incrível. Para evidenciar a contribuições de mulheres em diferentes momentos históricos, a turma confeccionou uma linha do tempo, que ficou exposta na escola. Algumas das mulheres escolhidas pelas crianças foram: Anastácia, Ada Lovelace, Princesa Isabel, Chiquinha Gonzada, Maria da Penha, Tarsila do Amaral, Nise da Silveira, Frida Kahlo, Anne Frank, Dilma Rousseff, Valentina, Tereshkova, Malala, Violeta Parra.

A exemplo, na descrição de “ela é incrível porque:” apareciam as seguintes descrições: referindo-se à Violeta Parra, ela “era uma cantora que fez cerâmica e outras coisas”; referindo-se à Malala Yousafzai, ela “lutou pelos direitos das mulheres; referindo-se à Nise da Silveira, ela era incrível “porque ela descobriu outro jeito de tratar os pacientes com doenças mentais. Ela descobriu o tratamento pela arte”; referindo-se à Dilma Rousseff, “ela quer ajudar os pobres e foi a primeira mulher presidente do Brasil”.

As “princesas africanas” foi outro projeto desenvolvido como continuidade ao projeto das mulheres incríveis, inspirado na leitura do livro ‘Omo-aba, história de princesas’, de Kiusam de Oliveira, sobre princesas da mitologia africana, como: Oiá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajé Xalungá e Oduduá. O painel preparado pela turma afirma que “aprendemos que as princesas também são guerreiras e fortes”. Findada a leitura do livro, foi confeccionado um jogo de tabuleiro para mostrar um pouco das características de cada uma delas<sup>6</sup>.

A transformação em jogo e brincadeira de um programa de estudo sobre mulheres também esteve presente em outro ano letivo, em que foi confeccionada um jogo de pescaria para a festa junina da escola. Desenhos de mulheres foram feitos em papel sulfite, colados em cartolinas e presos em palitos que sorvete, formando figuras firmes, com um pequeno gancho na parte superior. Essas imagens foram dispostas em uma

<sup>6</sup> As regras do “Jogo das princesas africanas”, criado pelas alunos são as seguintes: 1º cada jogador deve escolher uma das princesas para o seu pino; 2º tirem na sorte, com o dado, começará a jogada quem tirar o número mais alto; 3º cada princesa tem um desafio diferente que influenciará nas chegadas; 4º jogue o dado quando for sua vez, veja qual o resultado da multiplicação e ande as casas que der no resultado; 5º se você cair em algum obstáculo terá que voltar uma casa; 6º quem chegar primeiro na linha de chegada será o vencedor.



bandeja de plástico contendo areia dentro. No dia da festa junina, os visitantes<sup>7</sup> – familiares, amigos(as) e outras crianças – “pescavam” uma mulher, encontrando no seu verso uma descrição sobre a mesma. Além das questões de gênero, os desenhos das crianças traziam figuras de mulheres com suas diversas representações étnicas e raciais, abrangendo representações da branquitude, da negritude e da indigeneidade.

“As bruxas de Salém”, foi o tema desenvolvido por duas estudantes do 7º ano. Nele foi estudado os fatos ocorridos no ano de 1692, sendo o caso mais conhecido de caça às bruxas, que ocorreu em uma pequena cidade do Massachusetts, nos Estados Unidos. Cerca de 200 pessoas foram presas ou acusadas de bruxaria e 20 condenadas à mortes.

“Nise e a arteterapia” foi apresentada por duas estudantes do 8º ano, no qual foi criado um painel com figuras da médica Nise da Silveira e de seus e suas mais importantes pacientes. Elas retrataram trechos da bibliografia destas personalidades e pintaram pequenos quadros inspirados no trabalho de Nise.

“Meça suas palavras, parça” ficou sob a responsabilidade de estudantes do fundamental 2. Neste processo coordenado pela professora de língua portuguesa, foram colhidos relatos sobre opressão sofridas pelas meninas, com os quais foi produzido um livro, o qual foi publicado.

Em 2018, as crianças e adolescentes apresentaram na universidade uma reflexão sobre utilização das mídias, uso de drogas e infecção por doenças sexualmente transmissíveis. O trabalho desenvolvido em relação a este último tema teve como origem a leitura do *Depois daquela viagem*, no qual a autora, Valéria Piassa Polizzi (2010), relata como foi contaminada pelo HIV por seu namorado, quando era ainda adolescente. Neste livro ela conta como isso aconteceu, e o que mudou em sua vida e como ela tem enfrentado essa nova realidade.

Para abordar a temática das doenças sexualmente transmissíveis, ou da utilização das drogas, as alunas e alunos produziram vídeos. Em um deles foi usado um formato de “*talk show*”, modelo televisivo bastante consagrado que estes estudantes se apropriaram para fazerem suas reflexões. Uma “entrevistadora” recebia em seu sofá diversos convidados que rapidamente falavam sobre temas relacionados. Em outro

<sup>7</sup> Os projetos aqui descritos haviam sido apresentados na própria escola, na festa junina e na festa da primavera. Nessas ocasiões, crianças e adolescentes são convidados a apresentar para familiares, amigos(as) e outros visitantes os projetos desenvolvidos e o conhecimento adquirido, exercitando assim a comunicação e a expressão.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/julgamento-das-bruxas-de-salem-7-fatos-para-entender-o-acontecimento.html> Acesso em: 20.05.2019.

pequeno vídeo os jovens produziram uma cena em um carro, em que um homem embriagado dirige e coloca em risco a vida de passageiras e passageiros. Vem se, então uma reflexão sobre os riscos e responsabilidades na utilização das drogas. O que mais chamou a atenção foi que estas alunas e alunos não trabalharam a temática somente por seu viés negativo. Elas e eles mostraram lados positivos e negativos de usar drogas; tomando como positivo distrair, ficar mais alegre, enturmar-se mais; como negativo, ficar viciado, perder o controle, ficar violento. Tal abordagem trouxe uma amplitude de argumentação e uma rica vivência desmistificando certos paradigmas ainda muito culpabilizadores de certas vivências.

Por ocasião do dia internacional da mulher, foi desenvolvido um projeto no banheiro feminino da escola, em que pequenos recados foram escritos em *post-its*, e fixados nos azulejos e espelho. A ideia dos *post-its* no banheiro surgiu pela postagem nos *status* de uma rede social de outra escola. Assim, foi decidido recriar a intervenção. “As pessoas entravam no banheiro e tinha um monte de *post-its* e um espaço para escreverem as mensagens que quisessem.”, relatou uma aluna. Mensagens escritas por mulheres, sobre as mulheres e para as mulheres, tais como: “Que tal, em vez de dar em cima dela, dar em cima de um livro, vê se aprende alguma coisa”, “Pleno século XXI e ainda querem nos limitar com novas leis”, “Não vou limpar sua casa, mas posso limpar a sua mente”, “Mais que maravilhosa, você é mulher”, “Vale mais a pena ouvir música do que sua voz machista”, “Queremos os mesmos valores que os homens”, “Lugar de mulher é onde ela quiser”, “Liberdade”, “Se estamos aqui, é porque lutamos”, “Mulher não é ônibus para dizer ‘já peguei’.”, “Moça, seu corpo, seu sorriso, você, são lindos”.

Na narrativa das crianças e adolescentes, o gênero e sexualidade são conteúdos que emergem por meio da linguagem artística (desenhos, vídeos, colagens), pelo brincar, por meio de leituras e experiências que dizem respeito às suas vivências e àquilo que se apresenta cotidianamente naquilo que leem, assistem, ou seja, presenciam, em termos de ação, em suas vivências escolares, pedagógicas e para além dos limites da escola. Sala de aula, livros, painéis, banheiro e festas escolares se constituíram em espaços de expressão e aprendizagem.

### **Gênero, sexualidade e a constituição dos sujeitos**

A estratégia pedagógica de trazer crianças e adolescentes para ministrar uma aula na universidade, proporcionou a compreensão de que o gênero e a sexualidade



emergem como conteúdos que se instauram a partir de demandas que não se convencionam somente por um fazer acadêmico ou teórico circunstancial, mas como uma pedagogia ativa que possibilita trocas e explicitação de interesses.

Em espaço educacional e inegavelmente político, tais conteúdos têm sido tomados a partir de perspectivas transversais, comumente justificáveis a partir de aparatos legais presentes na LDB e PCN, temática também presente na disputada elaboração da Base Nacional Comum Curricular (MEC/SEF, 1997a e 1998).

Aos moldes suscitados pelas crianças e adolescentes, o gênero emerge não mais como um item adjacente ao conteúdo “principal”, como uma transversalidade em meio às especificidades mais legitimadas ou ainda urgentes. A partir das demandas das crianças e adolescentes, o gênero é o disparador que constitui o conteúdo escolar em si. O gênero imbrica-se a tal ponto nas práticas pedagógicas que se torna centralidade disruptiva em meio a demandas que emergem das urgências e desejos destes sujeitos que falam, ministram aula.

Tal fazer evidencia que este conteúdo suscitado supera a dicotomia sujeito/objeto, antes presente na epistemologia ocidental. O viés pedagógico contemporâneo aqui descrito tem o sujeito no exercício da aprendizagem como aquele que se descobre a si mesmo com objeto no mundo (BUTLER, 2003). Portanto, o gênero não é mero conteúdo que subjaz dissimuladamente nas vivências, mas ele é entendido como instância concomitante às ações constituintes dos sujeitos.

As crianças e adolescentes falam de gênero porque se atentam para suas próprias demandas. Assim, “mulheres incríveis” são tomadas como um levantamento histórico do importante fazer de mulheres que foram invisibilizadas. Tal levante retratou, em meio a uma extensa lista de personalidades, uma miríade expansiva de representações femininas, dentre estas, figuram também as mulheres negras e transexuais, comumente menos visibilizadas. “As bruxas de Salém” são tomadas metaforicamente para figurar e criticar o silenciamento e a punição histórica das mulheres que ousaram romper com padrões que as subjugavam. “Nise e a arteterapia” foram tomadas como reconhecimento desta mulher enquanto disseminadora de um fazer artístico que abarca em si meios “pouco” convencionais, portando, “não-masculinos”, de cuidar das enfermidades da “alma”; e “Meça suas palavras, parça” emerge como pedagogia e agir politizado que suscita modos de ação que evidenciam empoderamento e reivindicação de autoreferenciação como instâncias que constituem possibilidades de fala individuais, coletivas e identitárias voltadas à crítica e à denúncia das mazelas das quais as

mulheres, na contemporaneidade, são maiormente vitimadas. Dentre as denúncias mais frequentes, aparecem pela explicitação das crianças e jovens, o silenciamento em relação aos abusos sexuais sofridos por elas e a imposição de padrões que levam a uma hierarquia que desfavorece as mulheres e deixa de atentar para seus interesses políticos, sobretudo representacionais.

As histórias revisitadas e revisionadas, as críticas aos silenciamentos e punitivismos, as apropriações de variadas e artísticas linguagens e modos de se expressar, assim como a denúncia e realocação dos sentidos e a explicitação de diversos modos de ser mulher, de se identificar economicamente, racializadamente e sexualmente explicitam as demandas mais urgentes diretamente relacionadas ao gênero. São instâncias que produzem seus corpos, seus valores, suas subjetividades, seus modos de ser-agir, suas ações mais comuns naquilo que as constituem enquanto sujeito em autenticidades e singularidades, em subordinações aos fazeres sociais que as constituem inevitavelmente em meios nos quais as normas de gênero vigentes produzem desigualdades e hierarquizações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens (BUTLER, 2018 e 2003).

Embora o conteúdo apresentado aos universitários e universitárias pelas crianças e adolescentes seja ele mesmo parte de um conjunto maior de temáticas abordadas em sua escola, sua importância e abrangência emergem exatamente da vontade das alunas e alunos naquilo que os constituem enquanto sujeito e é percebido como passível de elaboração de conhecimento, de crítica, problematização e reflexão dentro do espaço escolar.

Quando as jovens relatam nos *post-its* as vivências machistas que ainda lhes são comuns, tais mensagens evidenciam a produção de sujeitos cuja égide da normalidade se substancializa e se materializa na inteligibilidade binária (BUTLER, 2003), assim como, criam possibilidades de se perceber que a desigualdade e hierarquizações são também superáveis a partir de estratégias que possibilitam existências menos excludentes.

O espaço escolar, nesta miríade, torna-se instância constitutiva e reiterativa de valores e propagação de saberes que evidenciam inegavelmente as relações de poder que se estabelecem para além de seus muros, assim como, regimenta inteligibilidades que podem ter especificidades exclusivas do espaço escolar. As formas de resistências, os modos de apresentar os conteúdos relacionados ao gênero e à sexualidade evidenciam maneiras consubstancializadas a partir dos aparatos próprios dos fazeres

escolares, frutos dos exercícios de ensino-aprendizagem, da pedagogia Freinet e das interações pedagógicas propiciadas por meio de relação que estabelecem meninas e meninos, professoras e professores em meio a vivências intermediadas por tecnologias, materiais didáticos.

Ao longo do processo no qual os sujeitos são constituídos, ou seja, em meio às ações pelas quais tornamo-nos socialmente pessoa – sujeitos de direitos e deveres materializados em nossa individualidade –, as relações de poderes estabelecidas desde nossa mais tenra idade e também no processo de escolarização, trazem à nós as características que nos constituirão simultaneamente enquanto subordinados e sujeitos, em uma paradoxal sujeição cuja instauração da cultura e dos valores nela intrínsecas se instituirão performaticamente (BUTLER, 2003 e 2018).

Como forma de poder, a sujeição é paradoxal. Uma das formas familiares e angustiantes como se manifesta o poder está no fato de sermos dominados por um poder externo a nós. Descobrir, no entanto, que o que “nós” somos, que nossa própria formação como sujeitos, de algum modo depende desse mesmo poder é outro fato bem diferente. (BUTLER, 2018, p. 9).

Em outras palavras, o que leva as crianças e adolescentes, assim como as universitárias e os universitários a terem afeição à temática da disciplina, a nosso ver, parece emergir do reconhecimento que tal conteúdo, em específico, o gênero, é intrínseco as demandas que os constituem enquanto sujeitos a partir de processos de subordinação, cabendo ressaltar que “estamos acostumados a pensar no poder como algo que pressiona o sujeito de fora, que subordina, submete e relega a uma ordem inferior. Essa é certamente uma descrição justa de parte do que faz o poder” (BUTLER, 2018, p. 9). Contudo, ao mesmo tempo, ao nos colocarmos para minuciar a temática do gênero, a partir de reflexões sobre a subordinação e constituição de si, entendemos:

O poder também como algo que forma o sujeito, que determina a própria condição de sua existência e a trajetória, o poder não é apenas aquilo a que nos opomos, mas também, e de modo bem marcado, aquilo de que dependemos para existir e que abrigamos e preservamos nos seres que somos (BUTLER, 2018, p. 10).

Tal determinação não constitui somente um modo linear e irreversível de sujeito, nem tão pouco algo meramente replicável aos moldes de uma similitude invariável. Para que se constitua enquanto norma, e conseqüentemente determine os padrões mais

inteligíveis e aceitos socialmente de ser, a repetição é tomada como aparato substancial, mas sua plausibilidade só se torna possibilidade reiteradora a partir da abjeção e punição daquilo que dele emerge, mas que é valorado de modo depreciativo em relação àquilo que se busca salientar como normal e natural.

Se pensamos em Nise da Silveira, e o que era normal no tratamento de doenças mentais até então, perceberemos que normal e natural estão sempre em disputa, na evidenciação daquilo que vigora a partir de certo estabelecimento do que é científico, mensurável, do que pode ou não ser tratado pela área médica ou pela arte, ou por ambas. Nisto, as crianças e adolescentes nos fizeram ver, por meio de suas aulas, que sujeitos em suas verdades, são passíveis de estabilizações nem sempre estanques, por instabilidades nem sempre etéreas.

Nestes termos, tanto as crianças e adolescentes que ministraram a aula, quanto as e os universitários que a assistiu, tem suas constituições enquanto sujeitos e também produzem críticas aos padrões pelos quais estão subordinados e envoltos neste processo de sujeição.

Desde modo:

Revista  
Diversidade e Educação

A sujeição consiste precisamente nessa dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação.

Sujeição significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar um sujeito” (BUTLER, 2018, p. 10).

A politização e crítica que as crianças e adolescentes trazem ao apresentarem conteúdos relacionados ao gênero na universidade, explicitam mutuamente que em suas constituições mais internas perpassam demandas que são constantemente problematizadas, dado o caráter de variabilidade que tais normalizações de gênero complexamente também propagam. É nestas ações de internalizar as normas sociais e se constituir enquanto sujeito que emergem os modos discordantes e problematizadores das próprias normas vigentes, uma vez que, a sujeição traz em si certa subversão à égide normatizadora, por hora, produtora da desigualdade entre meninas e meninos, homens e mulheres. Dentre as experiências escolares relatadas, podemos destacar a elaboração de um livro com relatos vividos por meninas de experiências de assédio sexual. A expressão escrita, pode ser vista como uma possibilidade subversiva a uma normatização que inferioriza e submete meninas e mulheres.

Assim, aparatando nos em Butler (2003 e 2018), as estratégias de revisitar a história, visibilizar as mulheres, dar visão às denúncias de opressão, combater o silenciamento, são elementos que dizem respeito às instâncias mais próprias destes indivíduos, constituídos enquanto sujeitos por meio de uma subordinada sujeição. Ou seja, a subordinação não produz somente um viés de resistência aquilo que é imposto socialmente, mas produz concomitantemente uma miríade de instâncias opositivas que levam à instâncias emancipatórias. Obviamente que tais características mais ou menos emancipatórias são elas mesmas ações produzidas e produtoras de sujeitos em meio às suas relações de poder diante da teia social (FOUCAULT, 1999).

Nisto, estamos diante daquilo que é próprio da movimentação, da não fixidez, da criticidade, da problematização, da consciência – “meio pelo qual o sujeito se torna objeto de si mesmo” (BUTLER, 2018, p. 31) - que não toma subordinação meramente como perspectiva que subjuga irrestritamente, mas sim, como instância plausível de repetição das normas, mas também como possibilidade subversiva dos trâmites dominantes e hierárquicos da subordinação que constituem sujeitos em meio à realidade construída socialmente, como apontam Butler (2003 e 2018) e Hacking (2013), aqui aproximados por nós.

Por vezes, ao tomar como ferramentas ativas a autoreferencialidade ou a explicitação de pontos de vistas - reiterando que estes são concomitantemente produzidos em meio aos valores sociais -, as crianças e adolescentes, imbuídos naquilo que as subordinam, trazem conjuntamente criticidade às normas de gênero, por meio de deslocamentos, da evidenciação de certas figuras históricas, nem sempre focalizadas, do uso de linguagens expressivas não circunscritas às linguagens mais tradicionais no âmbito escolar, como português e matemática, mas uma centralidade na arte, na histórica, no fazer e veiculação midiático, como produção de jornais e vídeos, ferramentas mais comuns a elas e eles.

Ao ministrar a aula na universidade, as crianças e adolescentes suscitam uma mobilidade e um fazer pedagógico que desloca o padrão tradicional da relação hierárquica estabelecida entre faixas etárias, entre professor-aluno, universidade e educação básica. Outrossim, evidenciam o gênero como uma instância a um só tempo constitutiva da subjetividade, pela subordinação às normas sociais, assim como, contiguamente, uma instância produtiva de reivindicações e explicitações de modos de ser que provam e possibilitam novas maneiras de conceber-se homem, mulher, negro, menino menina, trans.

Nisto, os conteúdos ministrados às universitárias e aos universitários pelas crianças e adolescentes situam-se naquilo que diz respeito a demandas que constituem os sujeitos em suas instâncias de subordinação, resistência e singularidade, ou seja, em instâncias constitutivas por meio suas relações de poder estabelecidas socialmente, portanto passíveis de alteração da realidade ainda desigual. Assim, o gênero já não é um conteúdo sobre o qual as demandas dos sujeitos se instauram, ele é a instância sobre a qual os sujeitos em suas subjetividades se constituem e se problematizam, e o ensino-aprendizagem mais do que uma apropriação reflexiva é também uma ação constituinte de modos de saber em constante movimentação e interesses.

### **Considerações finais**

A partir das duas aulas ministradas pelas crianças e adolescentes na disciplina EF 960 – Corpo, Gênero e Sexualidade, na FEF, Unicamp foi possível evidenciar que o gênero e a sexualidade se constituem enquanto conteúdos não meramente transversais, mais enquanto elementos constituintes de subjetividades destes sujeitos a partir de experiência pedagógicas que possibilitam fluxos de interesses e expressões que lhes garantem centralidade e autonomia, explicitação possível, em concomitância a uma pedagogia Frenet.

As crianças e adolescentes mostraram por meio dos desenhos, das escritas, dos vídeos, dos jogos e brincadeiras que os conteúdos relacionados ao gênero e sexualidade trazem em si reflexões que suscitam problemáticas a serem superadas, tais como: a invisibilidade histórica das mulheres, a frequência da violência sexual e verbal contra elas, os cuidados com a saúde em relação às doenças sexualmente transmissíveis, a constituição de valores positivos e negativos em relação à utilização de drogas e o manuseio e interação com as mídias sociais.

O gênero e a sexualidade não estiveram, eles mesmos, recortados de uma realidade. Ao contrário, pelas aulas ministradas pelas crianças e adolescentes pudemos observar que destes dois eixos emergiram correlações indissociáveis às demandas mais pertinentes nas quais estes sujeitos estão inseridos na contemporaneidade.

A forma lúdica, a arte, o diálogo e a aproximação com temáticas representacionais de diversas naturezas, sejam elas raciais, subjetivas ou pedagógicas, fizeram da temática suscitada pelas crianças e adolescentes um exemplo produtivo do desenvolvimento destas problemáticas no espaço universitário, o que possibilitou às



universitárias e universitários uma vivência amostral satisfatória e instigante, além de um contato direto com uma produção pedagógica nos campos que futuramente, muitos dos universitários vivenciarão suas experiências docentes.

Pormenorizar que parece haver subjetivamente algo em comum que instiga tanto universitárias e universitários, quando crianças e adolescentes a debruçarem-se sobre a temática do gênero e da sexualidade foi possível em decorrência de fluxos de produção de conhecimento que reconhecem que relações de poder e constituição de si perpassam o reconhecimento que a normas sociais constituem mutuamente sujeitos e interesses.

Ouvir as crianças e os adolescentes, poder acessar como elas e eles trabalham a temática do gênero e da sexualidade no contexto escolar constitui-se, na universidade uma instância de ensino-aprendizagem que prima pela pluralidade. Assim, inegavelmente pudemos ver alterações sociais tão necessárias, ligadas a superações de mazelas sexistas, como instâncias possíveis de uma construção educacional, ainda que pequenina, mas criativa e consistente.

#### Referências

BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de; SILVA, Greice Ferreira da; RAIZER, Cassiana Magalhães. As implicações pedagógicas de Freinet para a educação infantil: das técnicas ao registro. XII COLÓQUIO INTERNACIONAL DO LEPSI. *Anais...* 2017. Disponível em: <[http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda\\_eventos/inscricoes/PDF\\_SWF/14597.pdf](http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/14597.pdf)>. Acesso em: 19 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BUTLER, J. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 2003.

BUTLER, J. A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CHANEL, Émile. *Textos-chave da pedagogia moderna*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ELIAS, Marisa D. C. (Org.) *Pedagogia Freinet – teoria e prática*. Campinas: Papyrus, 1996.

FOUCAULT, M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREINET, Celestin. *Para uma escola do povo*. Lisboa: Editorial Presença, 1969.

GRIZE, Jean-Blaise. Psicologia genética e lógica. In: BANKS-LEITE, Luci. (Org.). *Percursos piagetianos*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 63-76.

HACKING, I. Construindo tipos: o caso de abusos de crianças. *Cadernos Pagu*, v. 40, jan./jun., 2013.

LIMA, Vânia Mara Alves de. Estudos para implantação de ferramenta de apoio à gestão de linguagens Documentárias: vocabulário controlado da USP1. *Revista Transinformação*, v. 18, n. 1, jan./abr., 2006.

MAGALHÃES, Antônio Fernando. Manejo da fertilidade dos solos irrigados: produtividade, degradação e correção. In: REUNIÃO BRASILEIRA EM FERTILIDADE DO SOLO E NUTRIÇÃO DE PLANTAS, 21., 1995. Anais... Pernambuco: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 1995. p. 72-115.

PAIVA, Geraldo José de. Dante Moreira Leite: um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 11, n. 2, jul./ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2001.

POLEZZI, Valéria Piassa. *Depois daquela viagem*. 2. ed. Ática, 2014.

SANTOS, Diego Marlon; DEMIZU, Fabiana Silva Botta; PERIN, Conceição Solange Bution; MOLINA, Adão Aparecido. *Pedagogia em Foco*, Iturama (MG), v. 13, n. 9, p. 52-64, jan./jun. 2018 DOI: 10.29031/pedf.v13i9.325

Recebido em maio de 2019.

Aprovado em junho de 2019.